

## **SOBRE O USO DO ÉPICO NA LITERATURA DE CORDEL NO BRASIL**

### **RESUMO**

Neste artigo, propomos partir do trabalho sobre o épico moderno e, mais especificamente, do conceito de “trabalho épico” desenvolvido por Florence Goyet (2018) e sua função refundadora, a fim de refletir sobre dois momentos da história da produção poética do cordel: o primeiro na época de seu surgimento, no final do século XIX, e o segundo relativo ao período atual em que a literatura de cordel se destaca, por meio da didatização de sua poética. Considerando o processo constante de recriação da literatura de cordel desde sua criação, nosso objetivo é destacar a presença de material épico como modelo-fonte, tanto na estrutura narrativa quanto nos valores e personagens da literatura de cordel.

**Palavras-chave:** Literatura brasileira, cordel, recursos épicos.

## ON THE USE OF THE EPIC IN CORDEL LITERATURE IN BRAZIL

### Abstract

In this article, we propose to start from the work on the modern epic and, more specifically, from the concept of “epic work” developed by Florence Goyet (2018) and its refounding function, in order to reflect on two moments in the history of the poetic production of the cordel: the first at the time of its emergence, at the end of the 19th century, and the second related to the current period in which cordel literature stands out, through the didacticization of its poetics. Considering the constant process of recreating cordel literature since its creation, our objective is to highlight the presence of epic material as a source model, both in the narrative structure and in the values and characters of cordel literature.

**Keywords:** Brazilian literature, cordel, epic resources.

## DE L'USAGE DE L'ÉPIQUE DANS LA LITTÉRATURE DE CORDEL AU BRÉSIL

### Résumé

Dans cet article, nous proposons de partir des travaux sur l'épique moderne et plus spécifiquement du concept du “travail épique” développé par Florence Goyet (2018) et de sa fonction refondatrice afin de réfléchir sur deux moments de l'histoire de la production poétique du cordel, le premier se situant au moment de son émergence, la fin du XIXe siècle, et le second, concerne la période actuelle dans laquelle la littérature de cordel se démarque par la didactisation de sa poétique. Prise dans un processus constant de recréation depuis sa création, il s'agit de mettre en évidence la présence de la matière épique comme source-modèle aussi bien dans la structure narrative que dans les valeurs et les personnages de la littérature de cordel.

**Mots clés :** Littérature brésilienne, cordel, ressources épiques.

## INTRODUÇÃO

Segundo Florence Goyet, a característica fundamental do épico moderno é que ele é uma narrativa refundadora no sentido de que procura superar uma crise política por meio da narrativa. Com base nesta ideia, duas perguntas marcarão nosso estudo. A primeira se concentrará na construção do Estado-Nação brasileiro e nos textos fundadores que o idealizaram na segunda metade do século XIX. A hipótese é saber se os romances da literatura do cordel não teriam desempenhado o papel de fundar textos para uma parte da população brasileira que não tinha acesso à literatura, à cultura e à ideologia republicana dos literatos do país. Pensamos particularmente nos cordéis cavaleirescos (Ferreira, 1993) que relatam os feitos de figuras épicas do Nordeste. Para este fim, contaremos com o romance de Ariano Suassuna *A Pedra do Reino, uma versão para europeus e brasileiros de bom senso* (1998). Quanto à segunda hipótese, depois de ter observado a presença de uma crise da literatura de cordel nos anos 1970 e o surgimento nos anos 2000 de um chamado “Novo Cordel” didático, vamos nos perguntar se os folhetos didáticos, à primeira vista descritivos, não tomam emprestados os códigos e valores da epopeia para glorificar o gênero e promover o uso de obras de literatura de cordel nas escolas. Para isso, utilizaremos dois folhetos: o primeiro, *O cordel nos caminhos da educação* (2003), de Moreira de Acopiara, e o segundo, *Acorda cordel na sala de aula* (2006), de Arievaldo Viana.

A problemática de nosso trabalho é, portanto, a seguinte: até que ponto a literatura de cordel proporcionou um “travail épique” desde sua criação?

Considerando o processo constante de recriação da literatura de cordel desde sua criação, nosso objetivo é destacar a presença de material épico como modelo-fonte tanto na estrutura narrativa quanto nos valores e personagens da literatura de cordel.

## 1. O NASCIMENTO DA LITERATURA DE CORDEL: UM CORPUS DE NARRATIVAS DE (RE) FUNDADORAS

### 1.1 Os folhetos de cordel como vínculos da formação do imaginário épico

A literatura de cordel é uma das muitas formas de expressão do imaginário cultural do Nordeste. Herdeiro de uma tradição oral que o precedeu, extrai dela suas regras poéticas e, de histórias, seu corpus. Esta tradição oral foi formada através de um processo de hibridação entre o imaginário da colônia brasileira e os traços da metrópole portuguesa, como explica Marcos Paulo Torres Pereira (2014, p. 192):

“tronco ibérico” das raízes brasileiras (elementos que, *a priori*, seriam externos), em contato com o novo povo, torna-se híbrido na formação da mentalidade e da identidade da nova gente, afastando-se de sua origem, para formar um todo original. Desse modo, não se pode dizer que haja na identidade nordestina o medievalismo europeu, tampouco retorno a um passado medieval, que sequer se teve, mas recriação pautada numa mentalidade que se cristalizou formando um nordeste medieval.

A partir deste encontro, um imaginário e símbolos ligados ao período medieval são criados e recriados, nos quais a identidade e a mentalidade do interior do Nordeste são baseadas.

Além disso, assim como o aparecimento da literatura de cordel na forma de livretos se deve ao fato de que uma parcela popular do país teve acesso a novos meios técnicos de impressão — máquinas tipográficas — e ao desenvolvimento de meios de comunicação — transporte e estradas —, ela está impregnada das convulsões na organização socioeconômica e política de seu território e de seu tempo. No final do século XIX e até a década de 1930, o Brasil viveu um período de alter-

nância política, do qual a região Nordeste foi definitivamente deixada de lado. Como o Brasil se tornou uma república em 1889, foi necessário definir os valores e os meios ideológicos que guiariam o país. Foi justamente durante este período de transformação que surgiu a literatura de cordel, como aponta Ruth Brito Lêmos (1983, p. 15) na introdução a seu ensaio: “A produção de folhetos surge e se firma no Nordeste quando esta região, que há muito deixara de ser o principal polo da economia exportadora do país, sofre uma série de transformações econômicas, sociais e políticas”.

É um período marcado pela violência, e os romances cavaleirescos que atravessaram o oceano Atlântico oferecem um terreno narrativo ideal no qual protagonistas e monstros maravilhosos se chocam. A narração de lutas e conflitos acaba por ser uma tentativa de resolver uma situação dolorosamente vivida. A violência vem não só da instabilidade, mas também do isolamento do Nordeste em nível nacional. Essa violência é ainda mais significativa no interior da região, pois gera situações de precariedade, impunidade e desigualdade estrutural das quais os sertanejos sofrem:

Ainsi, autour de l'univers confiné de la fazenda et du triangle héroïque représenté par le *cangaceiro*, le *fazendeiro* et le *vaqueiro*, gravitent un nombre important d'artisans, de commerçants, de petits propriétaires ou de paysans sans terre. Cette main-d'œuvre mobile, difficilement comptabilisable et au statut précaire, constituait néanmoins la plus grande partie de la population du sertão. Ses représentants étaient, sont encore parmi les plus pauvres et ont été rejetés hors de l'histoire. Seuls les *folhetos* les mettent en scène aux côtés d'autres figures historiques ou légendaires ayant partagé, au moins pendant un temps, le même destin (Cavignac, 1997, p. 103).

Dado o fato de que a literatura de cordel surgiu num contexto marcado por transformações, violência e marginalização de uma parte da sociedade brasileira, nos perguntamos se romances do tipo cavaleiresco constituíram um *corpus* de narrativas fundadoras para uma parte da população que havia sido rejeitada pelo grande

projeto republicano. Essa hipótese também é apoiada pelo fato de que se desenvolveu um imaginário do Nordeste medieval no qual o ideal cavaleiresco floresceu. Johan Huizinga descreve-o como:

[...] um ideal essencialmente estético, feito de fantasias coloridas e sentimentos elevados, que também almeja ser um ideal estético: o pensamento medieval só pode conferir nobreza a um ideal de vida se o puder vincular à piedade e à virtude. Nessa sua função ética, o ideal cavaleiresco fica sempre a dever, estorvado por sua origem pecaminosa. Pois o cerne do ideal é sempre o orgulho elevado à condição de beleza (Huizinga, 2013, p. 99).

A estrutura narrativa do épico, a celebração dos valores fundadores e seu senso de exaltação prestam-se idealmente à elaboração de narrativas fundadoras do mundo sertanejo, que permaneceu à margem. Esse fenômeno é identificado por Marcos Paulo Torres Pereira (2013) como a “cristalização do cavaleiresco ideal na literatura de cordel”. Portanto, consideramos a literatura de cordel como um espaço narrativo fictício que foi tomado por uma parte da sociedade sertaneja para resolver problemas reais.

## 1.2 *La Pierre du Royaume. Version pour Européens et Brésiliens de bon sens, de Ariano Suassuna (1998)*<sup>1</sup>

Escolhemos o romance picaresco de Ariano Suassuna porque ele se mostra altamente esclarecedor. Por meio da voz de seu personagem principal, Pedro Dinis Ferreira Quaderna, Suassuna explica como e por qual razão a “cristalização da imaginação medieval” ocorre no Nordeste graças, entre outras coisas, à literatura de cordel. Com base em trechos selecionados, será possível fornecer elementos para sustentar a hipótese de que a literatura de cordel forneceu um *corpus* de narrativas míticas e fundadoras como contraponto à narrativa republicana e globalizante imposta ao Nordeste.

Este romance épico se passa na década de 1930 em Taperoá, no sertão da Paraíba. O personagem principal, Quaderna, é convocado pelo Corregedor devido ao

caso do assassinato de seu tio e padrinho, Dom Pedro Sebastião Garcia Barreto, que chegara à cidade cinco anos antes. Quaderna também responde à recente tentativa de revolta orquestrada por um grupo que anunciava o retorno profético de seu primo Sinesio, o jovem no cavalo branco, que desapareceu no dia do assassinato de seu pai. O personagem aproveita o depoimento para compor o que ele chama de romance epopeico. Ao longo do romance, acompanhamos a vida de Quaderna e de sua família, numa narrativa não linear que se passa ora no presente, ora no passado. Ele conta como, quando criança, enquanto vivia com o tio, um coronel local, foi educado por dois tutores com ideologias antagônicas: Clemente, republicano e comunista, e Samuel, monarquista e romântico. Através das figuras desses dois tutores, Suassuna personifica a sociedade política e literária do início do século XX. Foram dois movimentos ideológicos que se confrontaram e idealizaram o projeto nacional, mas que tinham em comum a exclusão de uma grande parte da sociedade brasileira: os ex-escravos e a população de poucos recursos. No trecho seguinte, vemos como Clemente e Samuel veem esses homens e mulheres:

Comment ? — a demandé Samuel, scandalisé autant qu'il est possible et en tournant vers moi de grands yeux écarquillés. — Tu entends, Clemente ? Cet homme de mauvaises mœurs, ami de ce qu'il y a de pire dans la canaille débauchée et rebelle du Sertão, insinue que nous, des personnes respectables, nous l'aurions amené à ses positions politiques confuses ! Clemente, tu es communiste mais je te rends cette justice : tu es un communiste sérieux et tu ne t'associes qu'avec d'autres communistes sérieux, des gens de confiance, des gens avec lesquels on peut ne pas être d'accord, mais que de toute façon on respecte ! Mais Quaderna, non ! Il cherche les bas-fonds : des conducteurs de troupeaux, des mulâtiers, des prostituées, des vachers, des contrebandiers de cachaça, des chanteurs populaires et même des cangaceiros — ce qui, d'ailleurs, ne m'étonne pas parce que sa famille paternelle est bien la dernière des dernières ! (Suassuna; Muzart Fonseca dos Santos, 1998, p. 97), 1998, p. 21)

Nessas linhas vemos a incapacidade desses homens e, por extensão, desses movimentos políticos de entender e integrar em seu projeto uma parte desprezada pela sociedade brasileira. A falta de compreensão resulta em um isolamento social que se soma ao isolamento geográfico já sofrido. No trecho seguinte, Quaderna descreve a chegada da procissão que iniciou a suposta revolta. Ele explica a única escolha que resta a essa “ralé”, para dar sentido às suas vidas:

Si vous le préférez, vous pouvez seulement regarder la chevauchée que je viens de vous décrire comme une pauvre troupe de petits chevaux, maigres et laids, montée par un groupe de gens sales, maigres, affamés et poussiéreux, traînant avec difficulté sur cette route sans intérêt un troupeau de vieilles bêtes de cirque, faméliques et édentées. [...] Dans ce cas, cependant, ni le style de Samuel ni celui de Clemente ne convient : seul le flambeau sacré du style armorial et royal permet de donner la mesure de cet extraordinaire événement de caractère épopéique. C'est pour cela qu'en décrivant la troupe à cheval, je suis parti oncostiquement du réel, en insistant sur les bannières, rares ici, au Sertão, en dehors des processions et des cavalcades, sur les gilets, qui sont les armures de cuir, sans éclat et couvertes de sueur et de poussière, des chevaliers sertanèjes, comme nous l'assure le génial académicien brésilien Euclides da Cunha, sur les serpents-corail, les onces, les paons, les chats-maracajas, les éperviers, et sur les hommes qui, lorsqu'ils sont en gilet de cuir et à cheval, ne sont plus de pauvres sertanèjes ordinaires, mais bien des Chevaliers, à la hauteur d'une histoire emblématique, épopéique et chevaleresque comme la mienne. (Suassuna; Muzart Fonseca dos Santos, 1998, p. 97)

A busca de sentido, portanto, envolve a criação de uma ficção que se torna uma realidade ficcional. Ao invés de viver a vida real, mas miserável, as pessoas “abatidas” escolhem tornar o verdadeiro maravilhoso. Como não têm nada, tudo o que lhes resta é a imaginação e a honra. Assim, a literatura do cordel, fazendo uso do material épico, permite à sociedade dos sertão-

nejos excluídos escrever, ler e ouvir histórias maravilhosas cujos heróis fazem parte de sua vida cotidiana: o vaqueiro, o cangaceiro... Essas histórias terão o efeito de unir os sertanejos em torno de valores comuns nos quais eles se reconhecem e nos quais acompanham a história gloriosa dos personagens. Essas histórias, muitas vezes marcadas por conflitos e batalhas entre o bem e o mal, são marcadas pela violência e pela honra, assim como o ambiente em que vivem os sertanejos. Marcos Paulo Torres Pereira descreve a literatura de cordel como “um vínculo da formação do imaginário medieval”:

[...] na mentalidade de feição única do Nordeste medieval, ressignificam-se sinais de um passado que o Nordeste não vivenciou, porém o sentiu pelas narrativas heroicas que se espalharam das arcas da memória à formação da mentalidade, batilhando-se nos liames fronteiros que identificariam esse povo. (*Op.cit.*, 2014, p. 206)

A literatura de cordel é, ao mesmo tempo, arte, veia poética e memória de um passado nunca conhecido pelos sertanejos, mas muito presente nas histórias que contam por meio de um processo de reescrita herdado da tradição oral. No romance, Quaderna nos conta ter tido um terceiro tutor que, embora não tenha sido contratado como tal, teve uma grande influência em sua formação — a saber, o cantor João Melchades Ferreira. Ele lhe ensinou poesia em verso e lhe contava os romances do mundo medieval europeu.

Il nous lisait ainsi l' « Histoire de Charlemagne et des Douze Pairs de France », un romance sans vers qui nous enchantait par son héroïsme chevaleresque le quel, à mon avis, ressemblait beaucoup à ce dont rêve Samuel. Il nous lisait aussi des folhetos sur les plus célèbres cangaceiros du Sertão, Jesuino Brillhante, Antonio Silvino et Lampião, qui tout à coup me faisaient penser à Roland, Olivier, Richard de Normandie ou Gérard de Mondifer. Et je m'apercevais peu à peu que mon parrain ressemblait à leur chef, Charlemagne. (*Op.cit.*, 1998, p. 95–96)

Os personagens fictícios tornam-se modelos de identificação para descrever as figuras coloridas do sertão. Os códigos do épico — honra, coragem, determinação — são usados para descrever os feitos dos vaqueiros e dos cangaceiros, que se tornam cavaleiros do sertão. São vistos pela população como legítimos heróis, se não da nação brasileira, de sua região. Podemos ver, assim, que a literatura de cordel é um palimpsesto intermediário no sentido de ter realizado um trabalho épico ao reescrever histórias a partir de textos matriciais. No final do século XIX e início do século XX, esses romances de valentia atuaram como textos (re)fundadores da população sertaneja, que não se reconhecia na grande narrativa nacional que a república da época tentava impor-lhes.

Embora essa mentalidade possa parecer arcaica, ela se quer mais preservadora que conservadora. Isso lhe permite manter um olhar crítico sobre os discursos de progresso e modernidade (Ferreira, 1993, p. 13). Sua mobilidade narrativa também lhe dá a possibilidade de renovar e inovar, como veremos na próxima seção sobre literatura de cordel contemporânea.

## 2. A CRISE DA LITERATURA DE CORDEL: A NARRATIVA HEROICA DO CORDEL NOS FOLHETOS DIDÁTICOS

A partir dos anos 1970, e especialmente nos anos 1980, a literatura de cordel passou por um período de crise, pois o rádio e a televisão tomaram seu lugar como meios de informação e entretenimento. Como resultado, as vendas de folhetos diminuíram e os pontos de venda e distribuição fecharam, bem como as tipografias. Nos anos 1990, alguns cordelistas começaram a pensar em como se adaptar a essas mudanças para sobreviver. Uma das figuras-chaves dessa reflexão foi Manoel Monteiro, que desenvolveu a ideia de um *Novo Cordel*: para ele, a literatura de cordel deve ser irrepreensível em sua composição poética e pretender ser didática. Há, portanto, uma continuidade de sua tradição, uma vez que o cordel sempre teve um papel pedagógico, mas sem nunca o

nomear como tal e, por outro lado, há uma padronização das regras de escrita. O objetivo era levar a literatura de cordel para as escolas e bibliotecas e, para que isso fosse possível, o cordel não podia mais usar a linguagem matuta nem conter erros ortográficos e métricos. Os temas escolhidos também deviam ser temas de cultura geral e ter ressonância com o currículo escolar. Ao mesmo tempo, no que diz respeito às fontes, o objetivo era reduzir o número de títulos nos catálogos, a fim de cortar custos e estabelecer uma seleção de grandes clássicos e autores de referência. Esse movimento foi lançado pelas editoras Tupynanquim e Queima Bucha. Junto com cordelistas como Arievaldo Viana, seu irmão, Klevisson Viana, editor e proprietário da tipografia Tupynanquim, desenvolveu um panteão da literatura de cordel para que obras descritas como clássicos pudessem ser estudadas nas escolas. Ao fazer isso, além da didatização da literatura de cordel, os cordelistas desse movimento procederam à sua historicização.

Entre os folhetos didáticos estão os meta-cordéis (Derigond, 2019), folhetos cujo tema é a literatura de cordel. Neles, os poetas desenvolvem uma metanarrativa na qual definem e descrevem os diferentes aspectos do cordel: a história, as regras poéticas, os personagens, os autores, os temas... Esse tipo de folheto se desenvolveu amplamente desde os anos 2000, quando as ideias do movimento do *Novo Cordel* foram adotadas por grande parte dos cordelistas do país. Seu número não parou de crescer, até então.

Nesta segunda parte, nos focalizamos nos meta-cordéis e em sua narrativa. Presumimos que os cordelistas fizeram mais uma vez um trabalho épico para lidar com a crise dos anos 1980, na medida em que acreditamos que eles criaram um novo gênero narrativo híbrido que mistura a descrição com os códigos do épico. Por um lado, isso lhes permitiu redefinir os contornos da literatura de cordel e, por outro, os poetas apelaram para a tradição da narrativa épica para glorificar essa renovação. O meta-cordel seria, assim, uma narrativa heroica do cordel.

## 2.1 Estrutura narrativa e características estilísticas

### 2.1.1 Anúncio e oralização

No folheto *O cordel nos caminhos da educação* (2003), Moreira de Acopiara começa seu poema com três linhas introdutórias que contextualizam tanto o tema do cordel quanto sua abordagem artística.

Eu já escrevi cordéis  
Falando de Lampião,  
Frei Damião, Padre Cícero  
E outros mitos do sertão,  
Mas agora os versos meus  
Serão sobre educação

Só que eu não vou fazer isso  
Por causa de um bom palpíte,  
Mas porque um professor  
Me fez o feliz convite.  
E sabendo que na vida  
Todos temos um limite.

E esse professor me disse:  
Bom Moreira, não se enfeze!  
Quero que escreva um cordel  
Que não tenha tom de tese;  
Sobre educação, pra ser  
Distribuído no SESI.  
(Acopiara, 2003, p.2)

Essas três estrofes permitirão a Moreira de Acopiara, uma vez na frente dos alunos do SESI, introduzir o tema da educação. Seu poema continua recordando a tradição didática do cordel e, portanto, a legitimidade do cordel para ensinar no século XXI. Como no épico, o passado endossa a palavra autorizada pela estrutura social.

Achei a iniciativa  
Ser por demais pertinente  
Até porque no Nordeste,  
Num passado bem recente,  
Cordel alfabetizou  
E informou bastante gente.  
(*Ibid*, p.3)

### 2.1.2 O lugar do narrador

Moreira de Acopiara também se coloca como o garante dessa tradição ao se posicionar na linhagem cordelística. Ao fazer isso, reafirma sua legitimidade para abordar a literatura do cordel e ser o guardião da memória do cordel diante de uma audiência.

E eu que nasci no sertão  
E no sertão fui criado  
Estou à vontade, pois  
De casa para o roçado  
Foi através do cordel  
Que fui alfabetizado.  
(*Idem*)

### 2.1.3 Enumeração e epíteto adjetivo

No folheto *Acorda cordel na sala de aula*, de Arievaldo Viana (2006), encontramos o estilo narrativo do épico com a presença de enumeração de obras, cordelistas, temas e personagens da literatura de cordel como no exemplo a seguir:

As proezas de João Grilo,  
Testamento de Canção,  
Princesa de Pedra Fina,  
Os cabras de Lampião,  
Sua chegada no Inferno,  
Um clássico que é eterno  
Sem conter erudição.  
(Viana, 2006, p. 3)

Arievaldo Viana acompanha suas enumerações e descrições com adjetivos epítetos para dar ênfase à sua narrativa: *Os grandes mestres, seus versos geniais, histórias fascinantes*.

### 2.1.4 O maravilhoso e o plausível

Vocabulário e referências ao mundo maravilhoso dos cavaleiros e das princesas também estão presentes:

Cada folheto mexia  
Com minha imaginação:  
Castelos, reis e gigantes,  
Princesa, gênio e dragão...

No meu pensamento eu via,  
Porque lá não existia  
Revista ou televisão  
(*Ibid*, p.4)

Ao evocar esse mundo imaginário, Arievaldo Viana implica que, ao ler romances, o leitor terá acesso a todo um mundo maravilhoso no qual ele ou ela será transportado. A literatura de cordel é, portanto, não apenas uma ferramenta didática, mas também a porta de entrada para um mundo do imaginário. Entretanto, embora o passado no épico seja um passado absoluto, também é um passado universal que deve fazer sentido para qualquer leitor. Isso tem o efeito de tornar o maravilhoso plausível. Arievaldo Viana, em seu folheto, relata lembranças de sua infância com sua avó Alzira, que o introduziu à literatura de cordel. Ele não apenas cria uma sensação de familiaridade ao evocar memórias do espaço íntimo, mas permite que o leitor se identifique com a situação porque a figura da avó benevolente é parte da memória coletiva.

Era minha avó quem lia  
Cada folheto ou história  
De rainha e de princesa;  
De sofrimento ou de glória.  
Muito atento eu lhe escutava  
E pouco a pouco guardava  
Algo na minha memória.  
(*Ibid*, p.3)

## 2.2 Celebração do herói de cordel através de seus valores

No folheto *Acorda cordel na sala de aula*, o personagem principal é o cordel. Como em um conto épico, o leitor acompanha as aventuras do herói através das memórias do narrador, Arievaldo Viana, que é o repositório de um conhecimento coletivo e transgeracional. As figuras de linguagem — enumeração, hipérbole, comparação — e os adjetivos epítetos formam um registro do elogio. De fato, os poetas não descrevem apenas o cordel, mas elogiam suas qualidades poéticas, como podemos observar no folheto de Moreira de Acopiara:



É que os cordéis sempre são  
 Histórias bem trabalhadas,  
 Possuem linguagem fácil,  
 Estrofes sempre rimadas,  
 Versos sempre bem medidos,  
 Palavras cadenciadas.  
 (Op.cit., 2003, p.3)

O autor também apela aos valores morais e universais, a fim de contribuir para sua glorificação. Desde o início do folheto, encontramos os valores da honestidade e da humildade:

Pois eu procuro escrever  
 Num correto português  
 E se acaso eu errar  
 Duas palavras ou três  
 Não foi por querer errar,  
 Foi procurando acertar,  
 Isso eu garanto a vocês  
 (Op.cit., 2006, p.1)

Os valores do respeito às regras e da preservação do conhecimento estão presentes no poema. Eles refletem a retidão tão característica da cultura sertaneja que, embora possa parecer rigidamente leal, é também uma ferramenta de conhecimento que liga o mundo acadêmico e popular:

O cordel contém ciência,  
 Matemática, astrologia,  
 Noções de física, gramática,  
 De história e geografia,  
 Em linguagem popular,  
 O cordel pode narrar  
 Tudo isso em poesia  
 (Ibid, p.6)

Como um cavaleiro beligerante, mas justo, o cordel luta pela educação. Defende uma causa nobre para o bem coletivo e continua a perseverar apesar dos obstáculos, de modo que no final da história ele emerge, triunfante:

Obrigado, dona Alzira!  
 É o que diz o seu neto.  
 Foi pensando na senhora

Que eu criei esse projeto  
 Chamado Acorda cordel,  
 Que vai cumprir seu papel  
 Educando o analfabeto.  
 (Ibid, p.8)

Arievaldo Viana é, de certa forma, o “escudeiro” do cavaleiro “Cordel”, no sentido de que ele narra as façanhas de seu mestre, o apoia e o defende. O autor-narrador está em uma cruzada para defender a presença do cordel nas escolas: Por isso é que eu defendo/ Nosso folheto na escola (Ibid, p.5). Encontramos o registro do bem e do mal sob a capa do conhecimento contra a ignorância. Esse folheto, que promove a literatura de cordel, traz uma mensagem mais universal: Que tipo de sociedade queremos? Uma sociedade educada que valoriza a diversidade das contribuições e conhecimentos literários ou uma sociedade que ignora suas expressões literárias e é incapaz de utilizá-las para educar sua população?

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na primeira parte deste artigo, vimos que a literatura de cordel desenvolveu uma relação intertextual com o épico cavaleiresco. É um meio de transmitir um imaginário medieval que os poetas não vivenciaram, mas que está muito vivo na memória e na mentalidade coletiva do sertão do Nordeste. Ao preservar e reelaborar novos personagens e tramas da matriz imaginária e narrativa do épico medieval, eles proporcionaram aos habitantes excluídos do projeto republicano uma narrativa em que o magnífico transcende a realidade e os leva a acreditar em um futuro melhor. O trabalho épico realizado pelos poetas permitiu-lhes superar uma situação de crise na sociedade brasileira. Na segunda parte, a situação de crise ocorre dentro da literatura cordel, mas mais uma vez os poetas produziram um “travail épique” que visa a estabilizar uma situação que a estava colocando em perigo. Eles criaram um gênero híbrido em que a descrição se mistura com o épico para informar, de maneira enaltecida, sobre temas como a literatura de cordel.

## REFERÊNCIAS

Acopiara, M. de (2003). O cordel nos caminhos da educação. São Paulo (Brasil), [s.n.].

Cavignac, J. (1997). La littérature de colportage au nord-est du Brésil: De l'histoire écrite au récit oral. Paris: CNRS Éditions.

Derigond, S. (2019). Migrations nordestines et réinvention de la littérature de cordel au Brésil. Rennes. 284 f, Tese (Doutorado em Letra Brasileira e História Social) — Universidade de Rennes 2 e Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo.

Ferreira, J. P. (1993). Cavalaria em cordel: o passo das águas mortas. São Paulo: Hucitec.

Goyet, F. (2016) L'épopée refondatrice : extension et déplacement du concept d'épopée. In: *Le Recueil Ouvert*, Grenoble, v. 2016. Extension de la pensée épique. Disponível em: <http://ouvroir-litt-arts.univ-grenoble-alpes.fr/revues/projet-epopee/165-le-travail-epique-definition-de-l-epopee-refondatrice>. Acesso em 25 maio 2022.

Huizinga, J.; Burke, P., Lem, Anton van der, Janssen, Francis Petra. (2013). O outono da idade média: estudo sobre as formas de vida e de pensamento dos séculos XIV e XV na França e nos Países Baixos. São Paulo, SP: CosacNaify.

Suassuna, A.; Muzart Fonseca dos Santos, I. (1998). La pierre du royaume: version pour Européens et Brésiliens de bon sens. Paris, France: Métailié.

Terra, R. B. L. (1983). Memória de lutas: literatura de folhetos do Nordeste (1893-1930). São Paulo: Global.

Torres Pereira, M. P. (2014). A cristalização do imaginário medieval na literatura de cordel. *Nau literária: crítica e teoria de literaturas*. v. 10, n. 02, jul, p. 188-207.

Viana, A. (2006). Acorda cordel na sala de aula. Mossoró: Queima-Buxa.

## NOTA

1 *La Pierre du Royaume. Version pour Européens et Brésiliens de bon sens* é a versão reescrita por Ariano Suassuna e traduzida por Idelette Muzart-Fonseca do romance *A Pedra do Reino e o Príncipe do Sangue do Vai-e-Volta: romance armorial-popular brasileiro* (1971). Como essa versão visa tornar o romance mais acessível para os leitores franceses, um número significativo de referências literárias e históricas foi removido. A narração da história também foi alterada. Há mais diálogos com o corregedor. A história de Quaderna e sua família é contada através de seu depoimento. Isso dá um aspecto mais didático à narrativa de Quaderna, pois, solicitado pelo corregedor, deve explicar e esclarecer em vários momentos sua versão.

## A AUTORA

**Solenne Derigond** é Doutora em Literatura Brasileira pela Université Rennes 2 e em História Social pela Universidade de São Paulo (FFLCH-USP).

Professora substituta na Universidade de Caen (UniCaen) em Estudos Brasileiros no departamento de Estudos Ibéricos e Ibérico-americano.

Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-6605-8238>

Email: [solenne-d@hotmail.com](mailto:solenne-d@hotmail.com)